

“O preclaro brasileiro” — a memória perpetuada do jornalista José Carlos Rodrigues (1844-1923)

Julia R. Junqueira*

Mr. José Carlos Rodrigues [...] until recently proprietor of the Jornal do Commercio, of Rio de Janeiro, died in Paris on June 28, aged 78. He would never accept political office, but on one or two occasions he undertook financial missions for the Brazilian Government. He had travelled much, and wrote various books, including one on the New Testament. He formed valuable art and archaeological collections. He married Jane Sampson, daughter of Mr. H. J. Dale, and one of his daughters is the wife of Sir William Garthwaite, Bt.¹

Dr. José Carlos Rodrigues, a well-known Brazilian journalist, has died in Paris [...]. The interment will take place in London on Saturday next, and a service, at St. Margaret's Church, Westminster, has been arranged for 10.30 a.m. on that day. [...] He was a member of many scientific societies and the holder of several foreign decorations [...].²

O telégrafo anunciou-nos, à hora de encerrarmos os trabalhos desta página, o falecimento, em Paris, do Dr. José Carlos Rodrigues. Dedicou o extinto, quase toda a sua vida ao jornalismo, não só aqui, como no estrangeiro, impondo-se ao conceito público pela elevação com que discutia os vários assuntos [...].³

O dia foi ontem de luto para o jornalismo brasileiro com o desaparecimento de uma das suas personalidades mais eminentes, o Dr. José Carlos Rodrigues. Tendo chegado a diretor do Jornal do Commercio, cargo que exerceu por tão dilatado espaço de tempo, o Dr. José Carlos Rodrigues realizou a obra do remodelamento material do grande órgão, fixando-o na feição que hoje tem. E do ponto de vista moral soube conservar e transmitir intacto o valioso patrimônio que, para o país, representa o mais antigo e ponderado dos seus jornais [...].⁴

Fenecer para reviver

Era uma quinta-feira, os dias já estavam mais quentes do que o de costume, pois o verão parisiense havia começado há quase uma semana. Já se passavam das 15 horas daquele dia 28 de junho de 1923, quando, na rua de la Chaise, número 7, confirmou-se o passamento de um jornalista brasileiro⁵. Triste notícia transmitida aos periódicos no Brasil ainda naquela data pelo seguinte despacho: “Paris, 28 (Havas) — Faleceu o Dr. José Carlos Rodrigues”⁶. A partir do dia

seguinte, a nota estaria estampada nas colunas de vários jornais, inclusive, estrangeiros, como se pôde acompanhar pela leitura de alguns trechos dessas publicações acima.

Mas o leitor deve estar se perguntando, quem seria de fato este tal jornalista José Carlos Rodrigues? Por que a notícia de seu falecimento é tão repercutida no Brasil e em outros países? E claro, por mera curiosidade: o que o teria levado a óbito?

O fluminense José Carlos nasceu em 19 de julho de 1844, em Cantagalo, especificamente na propriedade rural de seu pai, Carlos José, que fora um grande cafeicultor na região de Sertões do Macacu — importante zona produtiva de café na província do Rio de Janeiro em meados do século XIX. Devido ao falecimento prematuro de sua mãe, quando Rodrigues ainda tinha poucos anos, este e sua irmã foram para o Rio de Janeiro, ficando sob os cuidados de uma tia paterna. Na capital, José Carlos ingressou no Colégio Marinho e, mais tarde, transferiu-se para o reconhecido Imperial Colégio de Pedro II, aonde, ainda adolescente, chegou a publicar o seu primeiro jornal, chamado *O Gentio*. Com o término dos estudos secundários e não fugindo à regra da maioria daqueles que se formavam nessa escola, Rodrigues iniciou o curso de Ciências Jurídicas e Sociais da Faculdade de São Paulo e, nesta instituição, além de frequentar as aulas, fundou, em 1862, com o colega de academia do quinto ano, José da Silva Costa, a *Revista Jurídica*, um órgão doutrinário de jurisprudência e legislação. Além disso, escrevia para dois periódicos, o *Correio Paulistano* e o *Correio Mercantil*, sendo que neste, José Carlos era correspondente, uma vez que tal se localizava no Rio de Janeiro.

Formando-se, em 1864, o jovem bacharel retornou à capital do Império, onde iniciou seus trabalhos, como advogado, no escritório de advocacia do conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcelos. Tempos depois, foi convidado a ser ajudante do ministro João da Silva Carrão, que assumiu a pasta da Fazenda, em 1866, e que fora seu ex-professor de Economia Política na faculdade de Direito. Durante este período acabou acontecendo um imbróglio na trajetória de José Carlos, visto que o fluminense foi acusado de tentativa de estelionato quando exercia a função de oficial de gabinete no Ministério da Fazenda. Certamente este é um dos motivos que fez com que, em 1867, aos 23 anos de idade, Rodrigues tomasse a decisão de deixar o Brasil e partir para os Estados Unidos da América.

Logo quando chegou a Nova York, o cantagalense exerceu o ofício de tradutor e, um ano depois de já residir no território norte-americano, começou a atuar como correspondente do *Jornal do Commercio*. Mais tarde, fundou a revista mensal *O Novo Mundo*, na qual escreveram Varnhagen, Machado de Assis, Teófilo Braga, Cândido Mendes, Cristiano Ottoni, dentre outros. Com o fim dessa

publicação, em 1879, Rodrigues tornou-se colaborador do *The Nation* e do *New York World*, ganhando certo reconhecimento nesta folha quando, através de um jornalismo investigativo, escreveu diversas críticas em relação à construção do Canal do Panamá enquanto esta obra era supervisionada pelo francês Ferdinand de Lesseps. José Carlos permaneceu em Nova York por um período de quinze anos, já que, a convite do conselheiro Manoel Gomes de Oliveira, transferiu-se para Londres, entre 1882-1883, para auxiliar o conselheiro a levantar capitais para a Estrada de Ferro Cantagalo. Durante os oito anos em que residiu naquela capital, o jornalista atuou como agente financeiro e prestou serviços ao governo do Brasil, intermediando negócios e empréstimos tanto para particulares como para o Estado brasileiro. Assim como aconteceu no decorrer de sua estada nos Estados Unidos, Rodrigues também colaborou para a imprensa londrina, especificamente nos jornais *The Financial News*, *Pall Mall Gazette* e para *The Times*. Além disso, em 1887, o brasileiro juntou-se com a inglesa Jane Sampson Dale, com quem teve duas filhas: Evelina e Janet.

Retornou ao país natal em 1890 e, em outubro desse mesmo ano, comprou e assumiu, com a preciosa intermediação de Eduardo Prado junto à família Villeneuve, a propriedade do *Jornal do Commercio*. Adquiriu o periódico em conjunto com mais 23 associados, ocupando-se dos cargos de gerente e de redator-chefe. Com a experiência adquirida em Nova York, José Carlos Rodrigues trouxe métodos modernos para a elaboração dos editoriais e importou linotipos, trazendo uma rapidez extraordinária ao processo de produção desse jornal. Além da atividade de jornalista, o cantagalense se ocupava com as tarefas de historiador, de bibliógrafo, de membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)⁷, de membro da Associação Cristã de Moços — primeiro YMCA⁸ na América do Sul —, de mordomo do Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia e, ainda, exercia sua influência nos bastidores da política.

Pois bem, por meio dessa breve síntese sobre a trajetória de José Carlos Rodrigues, percebe-se que o jornalista foi um homem letrado presente nos diversos setores sociais de seu tempo, não somente no Brasil, como em outros países; e mais, estava à frente de um dos mais renomados periódicos do país. De certa forma, mesmo que sem problematizar sua trajetória, pois tal não é o foco deste texto, o leitor pôde compreender um pouco quem foi José Carlos, porque ele é tão bem apresentado nas notícias jornalísticas que abrem esse texto, assim como a grande repercussão da notícia de seu falecimento.

Já a resposta para aquela terceira pergunta no início deste tópico é mais elementar: há algum tempo, José Carlos reclamava de problemas renais e intestinais⁹, sendo, até mesmo, submetido a mais

de uma cirurgia nos rins, a primeira ocorrida no Rio de Janeiro e, a segunda, em Paris, realizada pelo dr. Marion¹⁰. Segundo nota publicada no *Jornal do Commercio*, já nos últimos dias que antecederam a morte do periodista, ocorreram diversos acidentes com Rodrigues, provavelmente relativos às enfermidades citadas que agravaram a falta de resistência de seu organismo, consequentemente levando-o a falecer¹¹. Apesar de a morte ter ocorrido em Paris, o velório somente aconteceu alguns dias depois, na capital inglesa, especificamente na igreja de Saint Margaret, localizada na distinta região de Westminster, sendo José Carlos sepultado no cemitério Highgate, também em Londres, como se pode constatar pela ilustração a seguir:



Lápide de José Carlos Rodrigues. Cemitério Highgate, Londres.¹²

Um discurso, uma memória

Obviamente, o prestigiado *Jornal do Commercio*, do qual José Carlos foi proprietário, não deixaria de transmitir a seus leitores aquela desgostosa notícia e, tão pouco, de realizar uma devida homenagem ao seu antigo jornalista, redator-chefe e diretor. Assim, no número 177, da folha de sexta-feira, de 29 de junho de 1923, na primeira página, além de várias colunas do periódico, não apenas se noticiava o falecimento do sr. dr. José Carlos Rodrigues, como também se fez um extenso perfil biográfico deste fluminense, que, segundo as palavras impressas no próprio jornal, era “um belo tipo de *self-made man*”¹³. A de se notar que a expressão foi igualmente utilizada pelos redatores d’*O Paiz* ao também publicar a notícia sobre a morte de Rodrigues:

*Os serviços prestados pelo Dr. José Carlos Rodrigues ao país foram de alta valia, não só como jornalista, como conselheiro de governos bons e encarregado de delicadas missões. Mas para todos nós fica sempre a sua grande lição de jornalista, que subiu pelo seu próprio esforço e como nenhum outro honrou a profissão e a tornou respeitável e respeitada*¹⁴.

Ainda em relação à publicação no *Jornal do Commercio*, salienta-se que aquelas colunas foram compostas por seis artigos, intitulados: “Dr. José Carlos Rodrigues”, “O jornalista”, “O homem ativo — o financista”, “A direção do *Jornal*”, “A personalidade — a lição de energia” e, por fim, “A família”. Tais resumiram algumas passagens da trajetória do periodista, sempre enaltecendo suas realizações e, como em uma ilusão biográfica¹⁵, a imagem formada é de um José Carlos que, ao partir para os Estados Unidos da América, em 1867, parecia já ter traçado meticulosamente todos os seus caminhos, levando-o a “uma vida magnífica de esforços e de benefícios”¹⁶.

O mais interessante, em relação ao texto veiculado naquela antiga folha carioca, é perceber que em muitas dessas linhas há uma reprodução exata e maciça de um discurso realizado por José Carlos Rodrigues quando de sua despedida da direção do *Jornal do Commercio*, em maio de 1915. Ora, o jornalista, como homem de letras e conhecedor das tramas da memória, sabia da dimensão que tal fala, reproduzida de forma escrita e, assim, publicada¹⁷, poderia ter como parte do registro de sua memória e, neste sentido, deveria ser bastante delineada. A estratégia acabou muito bem sucedida, pois não apenas os seus antigos funcionários usufruíam daquela alocação como alicerces para escritos póstumos, como também redatores de outros periódicos e futuros autores que se dedicaram a realizar um perfil biográfico de José Carlos. Nascia, assim, através daquela memória autobiográfica, o preclaro brasileiro:

*Em torno do chefe que se despedia, legando a esta folha, como inestimável patrimônio moral, o nobre esforço de uma vida inteira, formaram ontem, numa perfeita identidade de sentimentos de grata e leal estima, todos os que se acostumaram a praticar-lhe os ensinamentos, num convívio diário, que era uma verdadeira escola nobilitadora dos labores jornalísticos. Essa escola, essa serena atmosfera de dedicação na defesa das causas justas, do bem coletivo, dos direitos e aspirações nacionais; esse ambiente de nítida compreensão da tarefa social da imprensa, que não é, somente, a de informar, senão também, e sobretudo, a de norrear pelo bom caminho a opinião pública — o preclaro brasileiro, em cinco lustros de direção, soube tornar, aqui, uma resultante dos atributos de sua poderosa individualidade de lutador e de sábio*¹⁸.

Como ressalta a escritora argentina Beatriz Sarlo, ao exercício de uma narração — testemunhos, histórias de vida, dentre outras —, emana-se uma experiência que se encontra longe de sua exata temporalidade, ameaçada, desde o seu primeiro instante, pela passagem do tempo, isto é, o ato de narrar se sujeita aos ditames da lembrança. E, por isso, é evidente que nestas vicissitudes da memória autobiográfica, o narrador não apenas, a partir do seu ponto de referência, o presente, se perde no jogo da lembrança, como também se emudece de forma proposital¹⁹. Artifício do qual José Carlos Rodrigues apropriou-se e soube articular arguciosamente em seu discurso de despedida daquele órgão carioca, narrando apenas as passagens de sua trajetória que gostaria de ressaltar nos seus setenta anos vividos até a data do mês de maio de 1915. Ali, no salão nobre do *Jornal do Commercio*, diante de seus colegas de redação e demais funcionários, com palavras bem sobrepostas, o fluminense encaminharia as linhas que o caracterizariam como um ilustre brasileiro.

Logo, já nos primeiros parágrafos, José Carlos enfatizou a honra de estar à frente, por vinte e cinco anos, daquela conceituada folha, consequência de sua trajetória jornalística, iniciada, segundo o orador, ainda nos primeiros anos da adolescência, quando publicou o seu primeiro jornal. Pois bem, de acordo com Rodrigues, a partir daquela ocasião, o periodismo estaria sempre presente na sua trajetória de vida e, mesmo durante os anos de formação em Direito, aquela ocupação despertaria mais interesse do que a de bacharel.

Em um terceiro momento da alocação, sem mencionar o motivo que o teria levado a migrar, o fluminense ressaltou as dificuldades ao chegar à América do Norte e que tais foram contornadas principalmente por seu labor como jornalista, atividade que, conforme o próprio, o consagrou naquele país e que lhe proporcionou uma ampla rede de relações sociais. Para corroborar a afirmação, o cantagalense elencou uma lista de nomes ilustres e de periódicos, dentre aqueles, a de ex-presidentes estadunidenses, de conceituados diretores e redatores da imprensa americana, e de cientistas e pesquisadores. Nas linhas seguintes, descreveu sua mudança para o velho continente, especificamente para Londres, onde apesar de ocupar-se de assuntos financeiros, o jornalismo não teria ficado de lado, uma vez que também colaborou com a imprensa desse país. A de se ressaltar que, nessa passagem do discurso, José Carlos, assim como vinha encaminhando sua fala, enfatizou apenas sua trajetória profissional, sem aludir a sua vida privada, como por exemplo, sem referir-se a inglesa Jane Sampson Dale, com quem teve duas filhas.

Por fim, inclusive como um elemento de ligação com os parágrafos precedentes, o periodista narrou minuciosamente como

adquiriu a propriedade do *Jornal do Commercio*, não deixando de realçar que aquela aquisição somente teria se efetivado devido ao seu percurso profissional, ao seu árduo labor: “[...] Foi, pois, pelo trabalho que me elevei. Não forcei portas, não saltei pelas janelas escusas de uma casa onde não tivesse, pelo meu tirocinio, entrada franca [...]”²⁰.

Não é demais lembrar que, até o momento, esse discurso autobiográfico foi a única fonte localizada em que o fluminense fez um resgate de sua trajetória de vida, de tal modo que essa alocação fosse usada densamente, sem certo crivo, como subsídio para que alguns de seus contemporâneos e biógrafos perpetuassem uma memória, de alguma forma, já elaborada pelo próprio José Carlos Rodrigues. É o caso dos escritores Elmano Cardim e Charles Anderson Gauld, por meio das seguintes obras, respectivamente, “José Carlos Rodrigues: sua vida e sua obra” e “José Carlos Rodrigues. O patriarca da imprensa carioca”²¹.

Assim como o cantagalense se calou diante de algumas passagens de sua trajetória, na qual deveria sobressair o “homem de imprensa”²², detentor de múltiplos conhecimentos e funções, Cardim também o fez e seguiu quase que a mesma abordagem delineada por seu biografado, exceto por alguns acréscimos realizados. Esse enfoque pode ser percebido pela própria distribuição dos dez tópicos em seu artigo, publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, por ocasião da conferência realizada pelo autor, no IHGB, em 5 de setembro de 1944, na sessão solene comemorativa ao centenário de nascimento de Rodrigues. São eles: “O triunfo de um grande trabalhador”, “O jornalista brasileiro nos Estados Unidos”, “O profeta do Canal do Panamá”, “A conquista de Londres”, “A direção do *Jornal do Commercio*”, “Doutor dos testamentos e dos evangelhos”, “O grande idealista”, “Bibliófilo e erudito”, “Benemerência e filantropia” e, por fim, “O compromisso com o Instituto Histórico”.

Charles Gauld também organizou o seu texto sobre José Carlos de forma que se sobressaísse à figura do jornalista eminente, todavia, este autor foi um dos poucos a imergir na vida privada de Rodrigues, inclusive mencionando a família inglesa deste. E mais, mesmo que de forma bastante parcial, visto que coloca sob os seguintes termos — apenas como um “ato imprudente”²³ —, chegou a se referir à tentativa de estelionato que o cantagalense cometeu, em 1866, quando era oficial de gabinete no ministério da Fazenda. No entanto, os comentários em relação a tal fato se resumiram a essas duas palavras, sem nenhum aprofundamento do episódio.

Deste modo, não é difícil constatar que em muitas dessas abordagens biográficas — narrativas que tinham como objeto a trajetória de vida de José Carlos, ou pelo menos parte dela —, independente de terem sido realizadas por seus biógrafos ou

contemporâneos do jornalista, havia a intenção de ressaltar o cantagalense como um mecenas, um protetor das artes, um homem de letras, um cristão, um financista e economista, um estudioso da bíblia e um indivíduo que, apesar das proximidades com o poder, nunca aceitara um cargo público e nem eletivo. Portanto, para aqueles escritores e colegas de profissão, nada seria mais justo que o elevar como um ilustre:

[...] Trabalhando sem desalentos, revejavam nele o jornalista, o historiador, o geógrafo, o bibliólogo, o economista, o financista, o homem de letras, o crítico de arte. A um espírito assim tão poderoso, a uma influência tão dominadora pelo prestígio próprio e pelas relações que o procuravam, dentro e fora do país, era natural que os Governos recorressem, cometendo missões de vulto excepcional, tarefas que exigiam uma competência provada, um desinteresse pessoal robustecido pelo desejo real de ser útil a seu país [...].²⁴

É, neste sentido, que os redatores daquele prestigiado órgão da imprensa carioca, no número do dia 29 de junho de 1923, discorreriam sobre um José Carlos sem fraquezas, medos ou angústias, visto também que esse tipo de abordagem se torna comum diante da notícia de um falecimento. Assim, o leitor desse periódico guardaria em sua lembrança a imagem de um homem entusiástico, que soube com maestria conduzir sua trajetória: no início, cheia de obstáculos, principalmente na transição do país natal para Nova York, mas que, com sabedoria e dedicação ao trabalho, colheu bons frutos na América do Norte e do outro lado do Atlântico, tendo seu ápice profissional com a aquisição do renomado *Jornal do Commercio*, do qual esteve à frente por mais de vinte anos.

Considerações finais

Todavia, talvez sejam nessas palavras tão apaixonadas e bem infligidas nos artigos publicados nos periódicos e, até mesmo, nos textos de seus biógrafos, que o historiador se desperta e, se indagando sobre as incongruências de uma história de vida resgatada de forma tão linear, percebe que há ainda muito que revisitar no passado de um indivíduo que, sem dúvida, foi um personagem chave para a política brasileira do final do regime imperial e das primeiras décadas republicanas, mas que também possivelmente caminhou por trilhos tortos e terrenos acidentados. E aqui, parafraseando Ilmar Rohloff de Mattos²⁵, vale a pena praticar uma simples, mas importante reflexão: ao exercício de uma narrativa histórica não se modifica o passado, isto seria algo inexequível, apenas modifica-se o conhecimento que dele possuímos, lançando um novo olhar a partir de nossas interrogações e

inquietações. E, portanto, sabendo dessas limitações intrínsecas ao conhecimento de uma história de vida, que o historiador/biógrafo não deve ter a pretensão em abarcar de forma integral a trajetória de um indivíduo, algo indubitavelmente impraticável.

Do mesmo modo, no jogo da memória com a história, a de se acrescentar que, mesmo conhecendo as tramas daquela, como se demonstrou nos parágrafos precedentes, o historiador não necessariamente precisa descartá-la como se tal personificasse o avesso, a oponente da história, colocando-as em um espaço dicotômico. Ao contrário, como nos faz refletir François Hartog, a memória também se insere no território do historiador e este não se encontra excluído do campo da memória²⁶. A própria consciência dos limites que ambos requerem para a construção de uma narrativa, na qual o enfoque é uma biografia histórica, já constitui uma ferramenta importante em que uma não seja anulada em detrimento da outra. Por isto, ao construir um conhecimento sobre uma história de vida, não necessariamente precisamos anular a memória desta trajetória. Com certeza, a partir de um olhar crítico, esta pode ser bastante útil até mesmo para a narrativa que se propõe, não somente apenas para compreender a imagem que se formou do biografado, mas principalmente porque, através dessa representação, tornam-se possíveis ulteriores perguntas e que se enfoque novos conhecimentos por meio de outro espaço a ser ocupado: o silenciado pela memória.

Notas de Referência

* Doutoranda em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), sob a orientação da prof. Dr^a. Lucia Maria Paschoal Guimarães. Pesquisa com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: juliarj17@gmail.com.

¹ *The Times*, Londres, 03/07/1923. Tradução livre: “O Sr. José Carlos Rodrigues [...] até recentemente proprietário do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, morreu em Paris, em 28 de junho, aos 78 anos de idade. Nunca aceitou um cargo político, mas em uma ou duas ocasiões, empreendeu missões financeiras para o governo brasileiro. Viajou muito e escreveu vários livros, incluindo um sobre o Novo Testamento. Formou coleções valiosas de arte e de arqueologia. Casou-se com Jane Sampson, filha do Sr. H. J. Dale, e uma de suas filhas é a esposa de Sir William Garthwaite, Barão”.

² Recorte de jornal desconhecido noticiando o falecimento do jornalista brasileiro José Carlos Rodrigues, s/d. Biblioteca Nacional, coleção Christopher Oldham, localização: 32,04,001 nº 059. Tradução livre: “Dr. José Carlos Rodrigues, renomado jornalista brasileiro, morreu em Paris [...]. O sepultamento será realizado em Londres, no próximo sábado, sendo o velório, na Igreja de St. Margaret, Westminster, às 10:30 do mesmo dia. [...] Era

membro de várias sociedades científicas e detentor de várias comendas estrangeiras [...]”.

³ *A Noite*, Rio de Janeiro, 28/06/1923.

⁴ *O Paiz*, Rio de Janeiro, 29/06/1923.

⁵ Cf. Extrato das minutas da ata de óbito atestando o falecimento de José Carlos Rodrigues a 28 de junho de 1923, datado de 29 de junho de 1923. Biblioteca Nacional, coleção Christopher Oldham, localização: 32,04,001 n° 78.

⁶ *A Noite*, 28/06/1923.

⁷ José Carlos Rodrigues foi eleito, em 1907, sócio correspondente do IHGB, passou a honorário em 1914 e a benemérito em 1917. Cf. *Dicionário biobibliográfico de historiadores, geógrafos e antropólogos brasileiros*. Sócios falecidos entre 1921-1961. Volume 3. Rio de Janeiro: IHGB, 1993, p. 136.

⁸ Young Men's Christian Association.

⁹ Cf. RODRIGUES, José Carlos. Apontamentos sobre os problemas de saúde que tem sofrido e o tratamento realizado pelos médicos, s/d. Biblioteca Nacional, coleção Christopher Oldham, localização: 32,04,001 n° 079; e _____. Relato, em francês, da evolução dos problemas renais e intestinais, datado de 1923. Biblioteca Nacional, coleção Christopher Oldham, localização: 32,04,001 n° 070.

¹⁰ Cf. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 29/06/1923.

¹¹ Cf. *Ibidem*.

¹² Fonte: Peter Zmajkovic. Disponível em: <<http://www.panoramio.com/photo/21068466>>. Acesso em 02/01/2013

¹³ Indivíduo que obteve sucesso ou riqueza através de seu próprio esforço, Cf. Oxford. *Advanced learner's dictionary*. 7ª ed. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 1378. Sobre a publicação, ver *Jornal do Commercio*, 29/06/1923.

¹⁴ *O Paiz*, 29/06/1923. Grifos meus.

¹⁵ Aqui, remeto-me ao célebre texto — “A ilusão biográfica” —, originalmente publicado em 1986, do sociólogo francês Pierre Bourdieu, que criticou árdueamente as biografias que insistiam na ideia de um indivíduo com uma trajetória linear, na qual não havia espaço para as contradições, as angústias e as fragmentações do biografado. Cf. BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). *Usos e abusos da história oral*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006, p. 183-191.

¹⁶ *Jornal do Commercio*, 29/06/1923.

¹⁷ Cf. *Despedidas do Dr. José Carlos Rodrigues da direção do Jornal do Commercio do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tipografia do *Jornal do Commercio*, 1915. O exemplar utilizado para a apreciação encontra-se na Biblioteca Nacional, coleção Christopher Oldham, localização: 32,04,002 n° 003.

¹⁸ *Ibidem*, p. 31. Grifos meus.

¹⁹ Cf. SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d’Aguilar. São Paulo: Cia. das Letras, 2007, p. 25 e 58-59.

²⁰ RODRIGUES, José Carlos. “Alocação do Dr. José Carlos Rodrigues”. In: *Despedidas do Dr. José Carlos Rodrigues da direção do Jornal do Commercio do Rio de Janeiro*. Op. cit., p. 58.

²¹ Cf. CARDIM, Elmano. “José Carlos Rodrigues: sua vida e sua obra”. *RIHGB*. Rio de Janeiro, (185):126-157, out./dez., 1944; e GAULD, Charles Anderson. “José Carlos Rodrigues. O patriarca da imprensa carioca”. *Revista de História*. São Paulo, (16):427-438, 1953.

²² Apesar de José Carlos Rodrigues não usar tal termo em seu discurso, é nítido, através de sua fala, que essa era a característica a ressaltar. A expressão foi usada por um autor desconhecido, que introduziu a alocução de Rodrigues na obra publicada — *Despedidas do Dr. José Carlos Rodrigues da direção do Jornal do Commercio do Rio de Janeiro*. Op. cit., p. 33.

²³ Cf. GAULD, Charles Anderson. Op. cit., p. 428.

²⁴ *Despedidas do Dr. José Carlos Rodrigues da direção do Jornal do Commercio do Rio de Janeiro*. Op. cit., p. 34.

²⁵ Cf. MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo saquarema*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 2011, p. 15.

²⁶ Cf. HARTOG, François. “Memória, história, presente”. In: _____. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Tradução de Andréa Souza de Menezes... [et. ali.]. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 160.

